

Como ser poeta romântico, pobre, comunista, crente,
homossexual e alentejano:
Célula, um inédito de Raul de Carvalho

Ana Luísa Vilela

Universidade de Évora

analuisavilela@gmail.com

Data de recepção do artigo: 24-06-2011

Data de aceitação do artigo: 26-09-2011

Resumo

Acumulando heterodoxias e mágoas, a obra que iremos abordar é um livro de poemas inéditos de Raul de Carvalho (1920-1984), encontrado no seu espólio. *Célula* constitui, a todos os títulos, a interessantíssima representação de uma identidade problemática, cuja afirmação explicitamente se constrói *a contrario* de todos os dogmas, de cariz político, social, religioso, económico e erótico. *Célula* é uma obra catártica, espaço de liberdade de construção de um “eu” que, romanticamente, do seu próprio excesso se alimenta – e desenha, em filigrana, o brilho de uma explosiva “célula” humana.

Palavras-chave: Raul de Carvalho – inédito – auto-imagem – autobiografia.

Abstract

A mix of heterodoxy and sorrow, the work in focus is a book of unpublished poems by Raul de Carvalho (1920-1984), found in his archives. *Célula* is, in all respects, a fascinating representation of a problematic identity, affirmed explicitly against all dogmas (political, social, religious, economic, erotic). *Célula* is a work of catharsis, a place of freedom for the building up of an “I” which feeds on his own excesses, romantically – and brings out a shining and explosive human “cell”.

Keywords: Raul de Carvalho; unpublished work; self image; autobiography.

1. Raul de Carvalho e *Célula*

Acumulando heterodoxias, desafios e mágoas, a obra que iremos abordar é um livro de poemas inéditos de Raul de Carvalho (1920-1984), encontrados entre o seu espólio. Natural de Alvito, fundador, com António Ramos Rosa, da importantíssima revista *Árvore*, autor quase esquecido, apesar da apreciável notoriedade de que gozou em vida, Raul é hoje por muitos críticos considerado um dos maiores poetas do séc. XX português. O poeta deixou publicados 22 livros – e, no seu espólio, pelo menos outros tantos por publicar. O espólio do poeta foi doado à Câmara Municipal de Alvito por um sobrinho do escritor. O tratamento e inventariação desse espólio, assim como a organização e edição dos inéditos literários, mobilizando métodos da crítica textual – são os objectivos do Projecto que coordeno, no âmbito de um protocolo de colaboração entre a CM de Alvito e o Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora. Duas dissertações de mestrado estão neste momento em elaboração sobre a obra poética de Raul de Carvalho.

Entre as numerosas obras inéditas, *Célula* destaca-se por constituir um conjunto de poemas explicitamente concebido como uma obra completa, praticamente pronta para publicação. Datada de 1967, a obra é, ao que tudo indica, composta por 10 poemas. O espólio dispõe de duas versões: uma autógrafa, manuscrita pelo autor e outra dactiloscrita pelo seu grande amigo e também poeta Albano Martins, a quem Raul encarregou de a preparar para envio à editora. O projecto de edição pela Brasília Editora gorou-se entretanto, e a obra ficou inédita até hoje. As razões pelas quais o autor não a publicou, entre 1967 e 1984 (ano da sua morte) - são-nos, neste momento, desconhecidas. Podem prender-se com factores exógenos (a dificuldade em encontrar editora interessada, por exemplo) ou endógenos (o cariz e conteúdo da própria obra, que podem ter, numa segunda apreciação, ao autor parecido inoportunos). Um outro factor, editorialmente relevante, caracteriza esta obra: a ausência, tanto entre as folhas manuscritas como nas dactiloscritas, do último poema – “Post Scriptum” - que, segundo Albano Martins, deveria integrar a obra, mas que Raul de Carvalho nunca chegou a enviar-lhe para ser dactilografado. E que, entre o seu espólio, até agora, não se logrou também encontrar¹.

¹ Estando neste momento a ser preparada edição crítica desta obra, espera-se que, em breve, a lição integral dos textos que compõem *Célula* esteja já publicada e acessível a todos os leitores. Para não interferir na preparação dessa edição, não se citam, senão parcialmente, os poemas que aí estarão reconstituídos. No presente texto são, contudo,

Serão justamente alguns aspectos de que se revestem os poemas constituintes de *Célula* – na sua explosividade provavelmente autobiográfica e profundamente afirmativa – o objecto da reflexão que aqui faremos, tentando processar conceitos de base dos Estudos Culturais. Algum apoio na reflexão sobre os escritos autobiográficos poderá também ajudar-nos a compreender esta *Célula* como um singular documento poético, ilustrando, de modo peculiar, a construção auto-reflexiva de uma identidade ostensivamente heterodoxa.

2. Uma *anti-comunidade conhecível*

Célula constitui efectivamente, a todos os títulos, a interessantíssima representação de uma identidade problemática, cuja afirmação se constrói *a contrario* de todos os dogmas, explícitos e tácitos, de cariz político, social, religioso, económico e erótico. Escrita nos anos 60, em plena ditadura salazarista, a obra encerra, simultaneamente, apelos políticos de ressaibo épico – e sarcásticas derivas surrealistas; escárnios dirigidos ao partido Comunista, de que era militante inscrito – e poemas cuja subtilidade estética não encobre a matriz homoerótica; memórias ternas de família e de devoção – e líricas sínteses metapoéticas.

Em comum com quase todas as obras publicadas do autor, *Célula* contém, flagrantemente, a expressão dramática de uma tensão, ou de um feixe de tensões, engendradas pela circunscrição de uma identidade empírica e existencial. Críticos como Maria Aliete Galhoz (1971), Luís de Miranda Rocha (1971) e Maria Luísa Leal (1996) foram sensíveis à importância detida, na obra conhecida do autor, da instância biográfica, que a primeira caracteriza deste modo:

[...] centro dinâmico da sua poesia não apenas como criador mas como sinal de pulsão constante, elemento vivo [...] que atrai experiências - vivenciais-oníricas-poéticas – e polariza a descoberta do efeito de nomeação construída de poema a poema. (Galhoz 1971: 69-70)

Aquilo que aqui defendemos é a ideia de que *Célula*, como talvez nenhuma outra obra publicada de Raul de Carvalho, constituirá um espaço de configuração explícita, mas poeticamente formulada, das instâncias subjectivas do poeta, do ser social e do homem ideológica e

abordados todos os poemas integrantes da obra, da qual aqui se pretende, apenas, fornecer uma breve perspectiva global.

eroticamente definido, numa coexistência dramática cuja representação literária se tinge de ressentimento, truculência e lirismo.

Em primeiro lugar, assinalamos, pois, na obra a sua capacidade de nomeação referencial: desde o título, *Célula* evoca uma realidade partidariamente determinada – a militância clandestina no Partido Comunista Português. Desse modo, a obra pode, até certo ponto, veicular a alusão, muito tenuemente velada, a um sistema de significados por meio do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada (Pina, s.d). Ou seja: pode representar, de modo muito aproximado, a representação de uma *comunidade conhecível*, tal como Álvaro Pina a define a partir dos trabalhos de Raymond Williams.

Defendemos, deste modo, que a natureza dos referentes de *Célula* será, antes do mais, histórica e contextualmente determinada, propondo, no entanto e paradoxalmente, uma contestação visceral à ordem colectiva que ela representa, e de cujo interior se afirma a recusa individual protagonizada pelo “eu” lírico. Assim, no poema “Célula”, a pertença ao Partido Comunista é claramente assumida, através da evocação de um incidente da militância clandestina. Tal narrativa, embutida em *flash-back*, é pretexto para a representação do *outro*, o “camarada” Faustino, cuja anormal ferocidade encontra ilustração no seu aspecto físico. Anuncia-se, pois, em *Célula*, desde o poema inicial, o escárnio ressentido com que o sujeito poético evoca a insensibilidade e as incoerências das relações pessoais entre membros do Partido. Será justamente a incongruência entre as vertentes ideológica e humana do convívio partidário aquilo que o sujeito poético, com a sua confessada e jovem “acuidade”, reterá aqui com amargura.

Do mesmo modo, o sarcasmo cruel de “Camarada secretário” assinala no alto funcionário do Partido a homofobia e o interesse calculista e oportunista, disfarçado de erudição. Preferindo atender à beleza das árvores que os envolvem, e que «no Outono estão carregadas/ de poalha dourada e de pardais», o sujeito poético ironiza sobre as teorias do determinismo social aplicadas aos suspensórios, aponta um significativo *lapsus linguae* do camarada, sugerindo com mordacidade a presença, no funcionário, de uma homossexualidade perversa, «adocicada e consonante». E termina anunciando a futura vitória de todos os anónimos, os «outros/ mais fortes. E sem armas.// E sem secretaria.»

Mais adiante, em “Comediante e Mártir”, vai refinar-se e particularizar-se o ajuste pessoal de contas com o Partido, pela evocação da voz «gloriosamente firme» do cantor resistente, evocado como mensageiro triunfal da esperança. Alusões cruéis preservam, nem sempre eficazmente, a identidade dos aludidos: perante a posterior “traição” e o aburguesamento do cantor, o sujeito poético confessa o seu amor às canções napolitanas, reafirmando no entanto o valor libertador da Natureza: «Dilatadas, sonoras,/ são as bocas das rosas, camaradas!».

Na verdade, a momentânea e problemática adesão do autor ao neo-realismo é visível, em *Célula*, pelos mesmos traços que a desconstroem, reutilizando no entanto a sua retórica (as canções como “flâmulas”, os amanhãs que cantam, o povo oprimido, as armas da repressão, etc) de modo eminentemente lírico e orgânico. Assim, em “Andorinhas”, o homoerotismo estrutura a referência grega e marinha ao corpo dos pescadores,

à gratuita, voluptuosa, fremente rápida adesão dos corpos – seu mergulho no Mar – sua livre pulsação na Vida. São inteiros.

Incrustada, mais uma vez, na narrativa de um encontro secreto de militantes comunistas, a configuração íntima do sujeito poético torna-o clandestino entre clandestinos, atento que se confessa aos pescadores, às aves e ao seu “deserto interior”. Desse modo se repete a sua dissociação básica do grupo constituído pelos seus camaradas; a reunião política é, aliás, intersectada também pela confissão da humilhação então sofrida, descrita como «um espinho de que agora me livro!!!».

Em “Les Faux-Monnayeurs”, os elementos descritivos espaciais, identificáveis com o espaço alentejano e comuns, por exemplo, à poética de Manuel da Fonseca, convivem com a evocação intimista e a adopção de uma perspectiva gradualmente aproximativa, interiorizante e minuciosa, representando detalhes como o banco, a casa térrea, o postigo, a cortina de chita às pintinhas. A frustração ocasional do desejo insatisfeito coincide com a amarga reflexão «Ele diz que o Partido não tolera/ importunos sentimentais». Em “Tesouro”, a evocação comovida da avó que lhe lia a Bíblia permeia a representação da infância, da devoção e da morte. Essa representação – objectivada, de novo, em detalhes concretos (o corpo magrinho, o busto, o avental preto, a chávena de chá, a cadeira baixa) – é intersectada, novamente, pela referência rancorosa ao Partido: «Quero lá saber que a revolução/ me censure por te amar desta maneira...». Mas tanto essa representação confessional como esse rancor partidário não excluem, antes reutilizam,

os materiais e os *topoi* usados pela escrita ideologicamente conotada com o Neo-Realismo: o abandono, a fome, a miséria rural. A pertença, fervorosamente ontológica, ao espaço alentejano é, assim, em Raul de Carvalho, poeticamente reutilizada para a afirmação dos valores maiores: o corpo, a vida, a palavra poética. Ou seja: exorbitando a esfera do ideológico, a retórica da escatologia doutrinária é reciclada e colocada ao serviço de uma “salvação” mais ampla.

Em certa medida, serão justamente essa recusa e essa contestação que estruturam a obra e afirmam, em certos poemas, uma violenta pulsão singularizante. Este tropismo em direcção à irreprimível singularização do “eu” unifica a sua pertença simultânea e inconciliável a várias *comunidades conhecíveis*: o PCP e a quotidiana actividade de militância partidária, a da existência pobre no interior alentejano, a da fé católica, a da família... Trata-se aqui de afirmar, antes do mais, uma posição singular: a de um “eu” que conhece, pertence e referencia, simultaneamente, várias comunidades incompatíveis. Sendo assim, a posição do “eu”, que ocupa simultaneamente comunidades ideologicamente *incomunicantes*, é o testemunho da *incomunicabilidade* dessa experiência simultânea de proscrição.

Defende Álvaro Pina, a partir de Raymond Williams:

A posição a partir da qual um sujeito, individual e social, começa a conhecer a comunidade é a posição que permite ao sujeito, uma classe ou um grupo, protagonizar as suas relações com outras classes, outras posições, outros programas sociais. (Pina, *ibid.*)

Ora, a posição de onde parte Raul de Carvalho para reproduzir a sua própria *comunidade conhecida* é, antes do mais, a da sua condição de poeta – a que se vão acrescentar outras, como as de pobre, alentejano, comunista, devoto, homossexual. Em “Les Faux-Monnayeurs”, à recusa da sentimentalidade pelo Partido vai opor o “eu” lírico o apego a essa «luz efémera, mas que brilha enquanto brilha», afirmando explicitamente a valência ontológica das suas próprias produções poéticas: «Poemas em que digo: que gosto do gosto e digo sempre a verdade».

Trata-se, então, de um lugar *implausível* entre todos, pela implícita implosão causada pela acumulação de tensões simultâneas, exercidas pelos vários traços identitários coexistentes. Raul de Carvalho assegura, assim, a *inconhecibilidade* do seu projecto identitário, afirmado, afinal, através do paradigma das condições da

excepcionalidade, da proscricção e da negação – avatares da figura maldita do Poeta romântico, matriz maior do seu lirismo.

3. Autobiografia ou auto-retrato?

A afirmação exasperada de um isolamento ontológico só conhece, aparentemente, a integração do sujeito em comunidades mais amplas e até certo ponto mais abstractas, como as da Vida, de Amor, ou de Deus... A esse propósito, um excelente ensaio de Maria Luísa Leal, que já aqui referimos, aponta justamente a “grande falha” que marca o sujeito textual na obra publicada de Raul de Carvalho (Leal 1996: 2). Indubitavelmente, os modos de auto-construção poética da identidade devem sobretudo ancorar-se numa aproximação textual, qualitativa e interpretativa. O que aqui defendo é que, na complexidade de tal construção, a componente autobiográfica, óbvia nesta obra inédita, como em tantas outras publicadas do autor, constitui um elemento inalienável, que faz implodir uma análise que se reclame puramente textual. Efectivamente, na sua referencialidade ostensiva, *Célula* reivindica uma concepção intransigentemente contextual, multidimensional, dinâmica e contingente da identidade. Sob esse ponto de vista, a obra ilustra, em si própria, a contaminação entre autor empírico e sujeito textual, testemunhando a típica complexidade do fenómeno cultural e autobiográfico, tal como é hoje objecto dos Estudos Culturais. Aliando o compromisso político e cívico e o carácter confessional, ressentido e emotivo, à reconfiguração estética, a obra reformata a noção de coerência ontológica, ancorando-a na fidelidade à verdade íntima e matizando-a com a intervenção política, ideológica, partidária e cívica.

Na realidade, esta obra radica-se irremediavelmente no individualismo burguês, produto provável, como defende Philippe Lejeune (2000: 48-49), da laicização das confissões religiosas e encontrando, desde Rousseau, na rememoração da infância o fundamento para a ideia central da *ideologia autobiográfica*: a transparência e a autonomia do sujeito. Acto de audácia e de rebeldia ressentida, aparenta-se aos famosos “Versos de Orgulho” de Florbela Espanca: «Porque eu sou Eu e Eu sou alguém». Como na poetisa calipolense, a ontologia embebe-se no Eros. E a construção desse “eu” palpitante é a própria matéria poética. Assim, a consideração da vertente autobiográfica não se sobrepõe à abordagem textual, nem pobremente a “explica”. Antes constitui, com ela, um conjunto temático irreduzível; a poesia claramente autobiográfica de Raul não é apenas um contundente

“relato de vida”, mas a problematização de todos os rótulos de um sujeito anti-institucional. Um sujeito em processo de refundação organicamente poética.

Na verdade, creio que o essencial da poética de Raul de Carvalho está contido nesta *Célula*, que lhe reproduz como que o genoma lírico. Marcado, antes do mais, por aquele “repli sur soi” de que fala Georges Gusdorf (1990: 26), esta obra testemunha a inapelável força centrípeta que implica o retorno às origens, ancorado na auto-afirmação do “eu”. Mais autolegitimação do que autojustificação, *Célula* é catarse explícita, confissão e exconjuo. Ao contrário do “desejo de absolvição” que Clara Rocha nota no protagonista torguiano (Rocha 1977: 85), a obra articula, de facto, a afirmação exasperada de uma individualidade profunda e secreta, polemicamente dissociada da instituição ideológica. Desse modo, o mundo que a rodeia e o enquadramento em que se jogam as relações com ela são, afinal, meios para a truculenta afirmação da *diferença ontológica* que matricialmente é atribuída à instância subjectiva (Morão 1994: 22).

Desse modo, *Célula* não descarta a dimensão temporal e até narrativa, aproximando-se, apesar de tudo, mais da dinâmica da autobiografia do que do relativo estatismo do auto-retrato. A este, propõe Beaujour uma *fórmula operatória*: « Je ne vous raconterai pas ce que j'ai fait, mais je vais vous dire qui je suis » (Beaujour 1980 : 9). Em *Célula*, pelo contrário, o *qui je suis* ancora-se centralmente no *ce que j'ai fait* (ou no *ce que l'on m'a fait*).

Assim, e por um lado, vemos que, nesta como em outras obras de Raul de Carvalho, as pequenas coisas do mundo podem representar, afinal, indispensáveis écrans para a projecção da tensão emocional do “eu”. As pequenas memórias e as fragmentárias menções dos detalhes poderão, pois, representar, no fim de contas, veículos daquele «alargamento máximo da consciência de si», que Maria Luísa Leal observa nas últimas obras publicadas pelo autor (Leal 1996: 190). De facto, uma global *Estética da banalidade* (título de uma obra publicada em 1972, cinco anos depois da composição de *Célula*) parece anunciar-se com esta obra, que contém, latentes, algumas das características anti-líricas de descontinuidade, fragmentaridade e estetização do trivial que poderão caracterizar alguma da sua produção. Assim, um dos poemas, “Descida ao inferno das letras – Scherzo”, que exhibe desde o título o cariz lúdico de uma deriva rápida e algo surrealista através dos significantes e dos seus morfemas, em enumeração aparentemente caótica, pode ser a imagem de uma poética autobiográfica dominada

pelo *ex-abrupto*, pela justaposição irónica do heteróclito, pelo desconcerto, a vertigem, o zeugma, o anacoluto. São figuras quase icónicas da dispersão tensional do sujeito no mundo, que o poema seguinte (“Epigrama partido”) resolve em oxímoro («alguém que não matei e me matou»).

Por outro lado, é na experiência da própria criação poética que parece encontrar-se o espaço dramático da auto-imagem de Raul de Carvalho. Como diz Beaujour, o escritor em auto-retrato encontra-se rapidamente entre dois limites: o da sua própria morte e o da despersonalização (Beaujour 1980: 13). Caracteristicamente ôntica, a auto-imagem é, pois, sempre uma antropologia e um epitáfio. Resta-lhe o instante (e lembremos o título *Poesia Instante*, publicado já depois da morte do autor, mas ainda preparado por ele). E o instante é, evidentemente, o da criação poética - nela só se cristaliza e absorve, pois só nela, como por milagre, podem coincidir, concêntricos e perfeitos, o sujeito e o seu mundo (Carvalho 1993: 355).

4. Entre o ressentimento e o desejo: uma *célula* humana

Na verdade, *Célula* exhibe uma estrutura quase para-musical, permeada pela alusão ideológica e acústica e dinamizada pela intersecção de dois registos temáticos e discursivos – como que dois “andamentos”. Os dois andamentos são intermediados pela singularidade óbvia do “Scherzo”. Um dos andamentos é mais narrativo, mais sarcástico e mais polémico, dominado pela oposição antitética entre o sujeito e o mundo institucional (o Partido Comunista) – mas, mesmo assim, suportando o lirismo da rememoração e a tonalidade erotizante de que ele se reveste. Esse andamento presidirá aos poemas que já citámos: “Célula”, “As Andorinhas”, “Les Faux-Monnayeurs”, “Epigrama partido”, “Camarada Secretário” e “Comediante e Mártir”. O outro andamento, minoritário e final, extensivo aos poemas “Aragem” e “Lótus”, é já quase exclusivamente lírico, superando o sarcasmo e embebendo-se quer nas figuras da fusão erótica e mística, quer em belíssimas sínteses metapoéticas – ou será que deveríamos falar de sínteses existenciais?

Assim, em “Aragem” ondula o perfil de uma paisagem interior dominada pelo divino elemento aéreo, pela claridade e pela exactidão, metáforas da criação e da refundação do mundo, banhado por um

«vento do princípio». E, em “Lótus”², que apresenta algumas características de poema ecfrástico, o voo das aves e a luz desenham a aura de um Deus andrógino, entre adolescente e mãe, instância erotizada e luminosa, incorruptível e intocável, a quem o poema só pode aflorar «Com pequenas raízes mergulhando/ em pequenos círculos de água virgem.»

Entre o sarcástico, o lírico, o místico e o erótico, poderá o ecletismo de Raul de Carvalho, prefigurar, em 1967, as tão modernas multiplicidade e fragmentação do sujeito? Talvez; mas talvez não tanto quanto testemunha a persistência axial de um romantismo lírico, de raiz popular, narrativizante, oralizante e auto-referencial. A criação do mundo pessoal do autor é, parece-me, inextricável da construção poética da sua identidade empírica.

A obra inédita *Célula* pode, pois, constituir assim o espaço de liberdade de representação de um “eu” que, ao modo romântico, se sente sempre maior e mais vasto do que o mundo – e que desse próprio excesso se alimenta, desenhando, em filigrana, o brilho de uma explosiva “célula” humana.

Bibliografia

- Beaujour (1980): Michel Beaujour, *Miroirs d'encre – Rhétorique de l'autoportrait*. Paris: Seuil.
- Carvalho (1993): Raul de Carvalho, *Obras de Raul de Carvalho. 1 – Obra publicada em livro*, edição e “Nota à presente edição” por Luiz Fagundes Duarte, “Notícia biográfica sobre Raul de Carvalho” por Maria Luísa Leal, Lisboa, Caminho.
- Galhoz (1971): Maria Aliete Galhoz, Recensão de *Poemas Inactuais, Colóquio/Letras*, nº 11, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gusdorf (1990) : Georges Gusdorf, *Les écritures du moi – Lignes de vie 1*, Paris, Odile Jacob, p. 26. Apud Filipa Mendes Barata (2008). *O Lugar do eu e do(s) outro(s) nas Memórias, de Raul Brandão*, Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos (Área de Especialização em Cultura Portuguesa). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em:

² Este poema, ao contrário de todos os outros da obra *Célula*, não é inédito, tendo sido publicado em *Mesa da Solidão* (1955).

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/524/3/17658_TESE.pdf

Leal (1996): Maria Luísa Leal, *A construção do sujeito na poesia de Raul de Carvalho*, Alvito, Câmara Municipal de Alvito.

Lejeune (2000): Philippe Lejeune, "Autobiografia e relato de vida", em Jacques Bersani, Gilles Quinsat et alii (ed.), *O grande Atlas das Literaturas da Encyclopaedia Universalis*, Lisboa, Página, pp. 48-49.

Morão (1994): Paula Morão, "O secreto e o real – Caminhos contemporâneos da autobiografia e dos escritos intimistas" e "Bibliografia selectiva". *Românica* nº 3 – "Biografia e autobiografia". Lisboa: Cosmos.

Pina, Álvaro (s.d), "Comunidade Conhecível". Disponível em

http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/C/comunidade_conhecivel.htm [último acesso em Junho de 2011].

Rocha (1977): Clara Rocha, *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*, Coimbra, Almedina.

Rocha (1971): Luís de Miranda Rocha, "A propósito de um livro de Raul de Carvalho", *Diário de Notícias* (16/12/1971).